



PAISAGEM ESCOLAR: UM ESPAÇO DE IDENTIDADE

Ana Taisa Pereira da Silva ¹
Jean Carlos Rodrigues ²

RESUMO

Este estudo investiga como a paisagem escolar busca compreender sua relação na construção de identidades nos espaços escolares. Definimos neste trabalho os espaços escolares como espaços de construção de identidade e disputas simbólicas. Utilizamos do método qualitativo, de cunho exploratório, adotando como procedimento metodológico o levantamento bibliográfico com revisão da literatura. Observa-se que a identidade no espaço escolar interfere no espaço geográfico, influenciando como o território é vivenciado. O sentimento de pertencimento dos alunos à escola está intrinsecamente ligado à oferta de espaços acolhedores, capazes de estimular a construção de vínculos afetivos e sociais. Tais condições transformam o espaço escolar em um território não somente de aprendizagem, mas também de convivência e identidade coletiva. Conclui-se que, a compreensão, acerca das paisagens escolares favorecem na construção identitária da comunidade escolar. Dessa forma, a escola deixa de ser somente um local de transmissão de conhecimento e passa a ser um território de vivências, aprendizados e construção coletiva de identidades.

Palabras clave: Pertencimento, Territorialidade, Alunos, Geografia, Espaço Geográfico.

ABSTRACT

This study investigates how the school landscape seeks to understand its relationship with the construction of identities in school spaces. In this work, we define school spaces as spaces of identity construction and symbolic disputes. We use a qualitative, exploratory method, adopting a bibliographic survey and literature review as our methodological procedure. It is observed that identity in the school space influences the geographic space, influencing how the territory is experienced. Students' sense of belonging to the school is intrinsically linked to the provision of welcoming spaces capable of fostering the development of affective and social bonds. Such conditions transform the school space into a territory not only for learning, but also for coexistence and collective identity. We conclude that understanding school landscapes fosters the identity construction of the school community. Thus, the school ceases to be merely a place for the transmission of knowledge and becomes a territory for experiences, learning, and the collective construction of identities.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), ana.taisa@ufnt.edu.br;

² Professor Titular da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), jean.rodrigues@ufnt.edu.br.



Keywords: Belonging, Territoriality, Students, Geography, Geographic Space.

INTRODUÇÃO

Os espaços escolares vão além de ambientes pedagógicos. Eles se configuram como espaços de construção de identidade e disputas simbólicas. Para a Geografia, a paisagem é parte do espaço geográfico. A análise da paisagem contribui para o desenvolvimento de diversas habilidades essenciais, como a capacidade de observar, registrar, analisar, comparar, interpretar e representar elementos do espaço (Felício, 2021).

A paisagem não compreende somente os elementos visíveis do espaço geográfico, mas também outros componentes interligados pela maneira como o indivíduo entende e explica a dinâmica desse espaço. Segundo Santos (1996, p.103) “paisagem e espaço, não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. A partir disso, sugerimos que a infraestrutura física das escolas está profundamente conectada às atividades educativas e sociais que nelas ocorrem.

A paisagem pressupõe também um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, que é, em princípio, “invisível” e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade (Serpa, 2007, p.15).

A partir da perspectiva do autor podemos compreender que as paisagens escolares estão em frequente mudança, elementos como a sensação de territorialidade são invisíveis, porém estão presentes no ambiente se manifestando de diferentes formas.

Justificamos a pesquisa a partir de observações em espaços escolares. Percebemos que cada escola possui suas particularidades, sua forma de organização, estrutura física, e diferentes paisagens. Esses espaços oferecem oportunidades para os alunos construir significados, desenvolver competências e habilidades diversas, fundamentais para uma compreensão mais profunda de sua cultura e de sua identidade.

Podemos destacar que a importância da compreensão da paisagem escolar se vincula ao processo de ensino-aprendizagem; perceber a importância de ambientes com acessibilidade, iluminação e ventilação irão favorecer o processo de autoconhecimento de toda a comunidade escolar. A partir disso propomos o seguinte questionamento: por que a paisagem escolar se configura como um espaço de identidade? A escola é um espaço que desperta sentimentos de



pertencimento? Para isso, buscamos neste trabalho compreender a relação da paisagem escolar na construção de identidades dentro dos espaços escolares.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma abordagem inicial de pesquisa de mestrado. Para iniciar utilizamos do método qualitativo, de cunho exploratório, que segundo Gil (2002, p.41) “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Desta forma, a pesquisa qualitativa proporciona maior riqueza de detalhes acerca da temática estabelecida neste trabalho.

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa consistem em um levantamento bibliográfico. Para Gil (2002, p.61), “o levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado” seguido de revisão da literatura, que para Mattos (2020, p.182) precisa atender a duas questões:

- 1) A revisão da literatura refere-se ao estado da questão investigada e, portanto, o pesquisador não pode deixar-se levar por numerosas leituras e esquecer sua questão de pesquisa.
- 2) A revisão da literatura não é uma caminhada pelo campo em que se faz um buquê com todas as flores existentes. Portanto, esta revisão é crítica e reflexiva selecionando somente aquilo que interessa para solucionar a questão proposta.

Nos pautamos na análise de autores que discutem conceitos relacionados à identidade territorial, à paisagem e ao espaço escolar, reconhecendo a relevância desses elementos para a compreensão das práticas educativas e das dinâmicas que atravessam o ambiente escolar. A abordagem metodológica adotada incluiu, em um primeiro momento, a seleção de fontes teóricas que possibilitaram um diálogo sobre o tema. Em seguida, realizamos a organização e sistematização do material coletado, buscando identificar semelhanças e diferenças nos referenciais consultados.

Posteriormente, realizamos a análise dos conteúdos, articulando-os com a categoria de análise. Além disso, elaboramos uma figura que representasse e auxiliasse na visualização dos principais resultados e conceitos, favorecendo a compreensão do objetivo proposto. Por fim, todo esse processo culminou em uma etapa de discussão, na qual se buscou problematizar os achados à luz da literatura, apontando implicações para a reflexão teórica e para a prática educacional.



REFERENCIAL TEÓRICO

A paisagem é uma das categorias de análise da Geografia, tal como região, território e lugar. Por se tratar de uma categoria geográfica é essencial discutir, mesmo que de maneira sucinta, a sua base teórica. “Entende-se que a paisagem, na sua materialidade, surge juntamente com a formação de nosso planeta, podendo ser estudada desde a pré-história” (Schier, 2003, p.81).

O conceito de paisagem na Geografia, surge em meados do século XIX na França, amplamente discutido por diferentes autores, e utilizado em outras áreas, como arte, ecologia, filosofia, arquitetura e turismo. Esses autores compartilham diferentes ideias e atribuem diferentes significados para a categoria.

Souza (2013, p.43) discorre que “o conceito de paisagem tem, tradicionalmente, um escopo mais específico, ligado, primordialmente, ao espaço abarcado pela visão de um observador”. Também podemos relacionar esse espaço à ideia de enquadramento, que para Sebastião (2021) enquadramento é o recorte e a moldura que possibilitam a paisagem enquanto experiência estética e representacional, seja pela janela, pela fotografia, pela arquitetura ou pelo próprio olhar que seleciona e organiza aquilo que se apresenta.

Para Santos (1988, p.67-68) “tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”. Baldin (2021, p.3) discorre que “a diversidade de ambientes físicos e humanos levou os geógrafos a interpretar nossa realidade. Paisagem aqui é vista como uma generalização, um conjunto, uma unidade (céu, água, planície, casa ensolarada etc.)”.

Segundo Santos (1988), a tarefa fundamental consiste em ir além da paisagem entendida somente como aspecto visível, buscando alcançar os significados que ela carrega de forma implícita, ressaltando a importância de compreender os significados implícitos das paisagens, para além de sua aparência.

Assim como na paisagem natural, nossa visão da paisagem escolar é seletiva (Callai, 2020, p.63), o que significa que interpretamos certos elementos e ignoramos outros, moldando assim nossa compreensão do ambiente escolar.

Fazer a leitura da paisagem é, portanto, uma possibilidade para que seja lida a realidade, seja lido o mundo da vida que acontece no lugar. Ao fazer a leitura vai se percebendo a história, o movimento, a mobilidade territorial, a seletividade espacial que é resultado do social. Pela cultura, muitas vezes territorializada no espaço de



uma ou de outra forma, pode-se perceber os laços que os indivíduos traçam entre si, as formas de ação em relação ao ambiente, à natureza (Callai, 2020, p.64)

Para Costa e Rocha (2010, p.49) “os geógrafos geralmente compreendem a paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza”. Essa perspectiva considera como as atividades humanas moldam e são moldadas pela natureza, resultando em uma paisagem que reflete tanto os processos naturais quanto as intervenções humanas.

Ademais, cumpre destacar que, “estudar a Geografia, levando em consideração a paisagem, passa a ser de extrema importância, pois, através dela, é possível compreender, em parte, a complexidade do espaço geográfico em um determinado momento do processo” (Puntel, 2007, p.286).

Para Cavalcanti (2012, p.1) “os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico”, ou seja, a escola é concebida como um espaço que propicia o encontro e interação entre diversas culturas, abrangendo tanto conhecimentos científicos quanto saberes cotidianos.

Embora o foco em conhecimentos científicos esteja presente em sua atuação, a instituição educacional interage de maneira dinâmica com as culturas que habitam a sala de aula e outros ambientes escolares, considerando a geografia escolar como uma das principais ferramentas que facilitam o encontro e o confronto entre essas variadas culturas. Compreendemos que “a educação é uma relação de força dos componentes do ambiente escolar, e a escola é imprescindível para manter as relações de poder” (Corrêa, *et. al.*, 2021, p.326).

Para compreendermos o conceito de territorialidade, é necessário observar que, o território é um espaço apropriado por um grupo (Santos, 1996). A territorialidade é a maneira como as pessoas se relacionam, agem, se identificam e se apropriam de um território, dando sentido e função através de relações sociais, afetivas e culturais, não se limitando ao espaço físico, mas englobando ações e comportamentos que organizam a vida individual e coletiva nele.

Para Farias e Leite (2023, p.13) “entender que a escola é potencializadora de um território, significa afirmar que se trata de um espaço composto por multiplicidades de vivências e experiências, pois circulam professores, estudantes entre outros grupos”. Professores, alunos e funcionários marcam seus lugares no espaço escolar por meio de práticas cotidianas. Diante disso, Sousa (2008, p.128) discorre que, “a identidade territorial é o resultado do enraizamento de um grupo social nas relações cotidianas balizada por tradições e mudanças no tempo e no espaço”.



Para compreendermos o conceito de identidade territorial temos que levar em consideração a territorialidade (relações sociais), devido a sua apropriação subjetiva, este pode ser considerado de enraizamento, pertencimento e afetividade. A identidade territorial tem uma forte repercussão no espaço geográfico por que ela produz a territorialização e a des-territorialização (Sousa, 2008, p. 121).

Em resumo, a paisagem escolar se manifesta como mobilizadora das identidades dos alunos, a partir das vivências elaboradas pelos sujeitos no espaço escolar. De acordo com Silva (2019) “a ideia de pertencimento institui uma identidade no indivíduo que o fará a refletir mais sobre a vida e o ambiente, desencadeando uma postura crítica e reflexiva no local onde ele se encontra”.

Além disso, Serpa (2021, p.81) nos alerta que “é necessário reconhecer as limitações de uma leitura formal e funcional das paisagens, já que nem sempre a realidade visível esclarece completamente o que de fato acontece no espaço”. Isso significa que a análise espacial dos espaços escolares não pode ser restringida somente à aparência física, mas que as dinâmicas envolvidas nesse espaço precisam ser consideradas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando o conceito de paisagem é discutido no âmbito social, muitas vezes alguns grupos o reduzem ou confundem com a ideia de beleza, limitando-o ao que é considerado esteticamente agradável. Santos (1996, p.69) aponta que “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”. Dessa maneira, a paisagem não é somente composta pelos aspectos materiais, mas também se relaciona com a maneira como esses aspectos são percebidos, interpretados e significados pelos sujeitos. Nesse contexto, a paisagem da escola pode ser vista como um ambiente que expressa valores, identidades e relações sociais, enquanto é diariamente experimentada e reinterpretada por aqueles que estão envolvidos.

Atualmente os estudos sobre paisagem nas escolas de educação básica são superficiais, incluir no ensino de Geografia abordagens mais dinâmicas e participativas sobre a paisagem escolar, facilitará o entendimento do aluno sobre o mundo ao seu redor. Felício (2021) aponta que, examinar o espaço vivido é uma estratégia valiosa em sala de aula, ao possibilitar a aproximação dos alunos com o conteúdo escolar, despertando o interesse por estudos no meio em que vivem. Além disso, nossa percepção da paisagem escolar é influenciada por nossas experiências, emoções e objetivos individuais, “cada paisagem tem memórias e essas são as



histórias do que ali naquele lugar já foi vivido e acontecido seja pela natureza seja pelos homens e na sua relação entre homem e meio” (Callai, 2020, p.63)

Dessa forma, a paisagem escolar não deve ser vista somente como um conjunto de espaços físicos, mas como um ambiente carregado de significados que refletem as interações sociais, as práticas educacionais e as experiências vivenciadas por alunos e professores. O processo de ensino-aprendizagem pode ser marcado por algumas dificuldades, Cavalcanti (2010, p.1) aponta que:

Grande parte dos professores tem a expectativa de encontrar alunos motivados, com interesse pela matéria. Falta-lhes, talvez, suficiente clareza dos processos que interferem na cognição, o que os leva a atribuir aos alunos a responsabilidade por essa motivação: esperam que ela venha deles e de seu mundo externo à escola e à sala de aula.

Essa sugestão da autora nos leva a considerar que, ao colocar toda a responsabilidade pela motivação somente sobre o aluno, os professores, sem querer, deixam de lado a função mais essencial, a de facilitadores e mediadores. A motivação não é uma condição sobrenatural que alguns possuem e outros não, é um processo complexo que pode ser desenvolvido. O grande desafio, e talvez a maior dificuldade, é justamente projetar experiências de aprendizagem que gerem interesse, e não somente esperar por ele.

Nas escolas de educação básica (públicas ou privadas) o aluno desmotivado é visto como “problemático”, o que pode gerar um ciclo de desinteresse e exclusão por parte da escola. A expectativa de lidar somente com alunos “bons” pode vir de uma formação docente que prioriza o conteúdo sobre didática, ou da pressão por cumprir uma carga horária extensa e cansativa.

Estratégias como a aprendizagem baseada em projetos, que conecta o currículo à realidade do aluno, ou atividades lúdicas, que incorporam elementos de desafio e recompensa, são exemplos de como deslocar a origem da motivação.

Quando o professor adota métodos inovadores, criando atividades que provocam curiosidade e exigem participação ativa, a motivação deixa de ser um pré-requisito e se torna uma consequência natural do processo. É nesse ambiente desafiador, acolhedor e significativo que o estudante não só aprende conteúdos, mas se reconhece como parte fundamental daquele espaço, fortalecendo seus vínculos e, finalmente, desenvolvendo o sentimento de pertencimento.

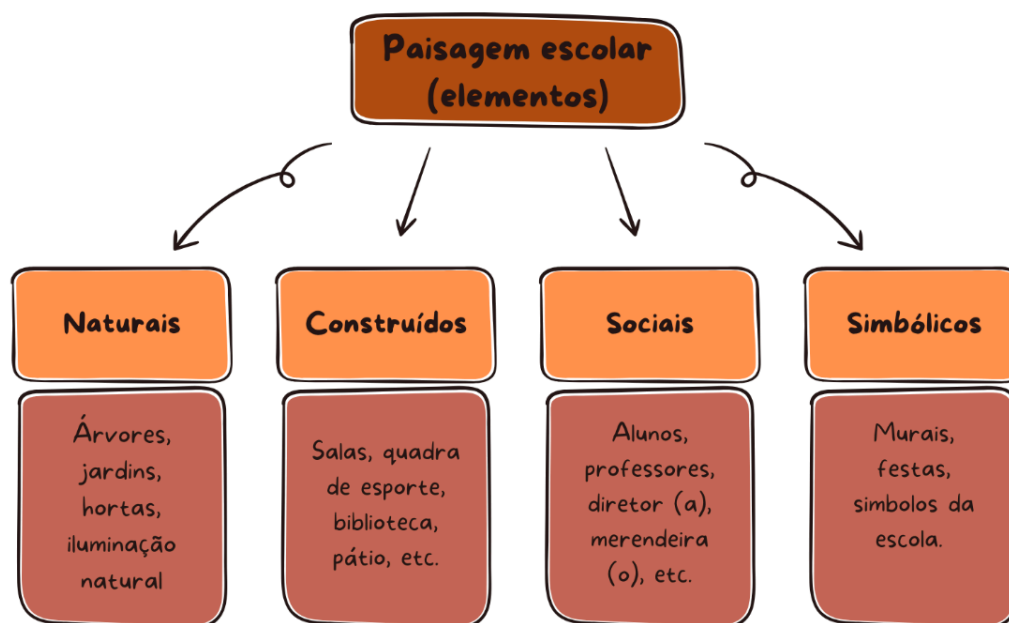
Ou seja, para que o aluno se sinta pertencente à escola é necessário que as instituições ofereçam um espaço acolhedor, onde possam reforçar seus vínculos, construir laços e estabelecer o sentimento de pertencimento. Dessa forma, a escola passa a ser um território de

convivência e aprendizado. Vale a pena refletir ainda o papel da escola de acordo com Martins e Cury (2021, p.8):

Neste sentido, a escola deve proporcionar ambiente adequado para aprendizagem, buscando o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos em diferentes níveis escolares. Tal fato é muito positivo e integra o conjunto de ações e práticas que pretende lançar um novo olhar sobre o sistema educacional; sendo assim, as expectativas se voltam para além do ensino de um conteúdo, mas para a percepção de que este é parte do caminho que o educando deve percorrer na construção do conhecimento.

Para Marques (2013) compreender a escola somente como um espaço de socialização é reducionista, pois esse ambiente carrega relações e processos próprios que a caracterizam como instituição e como esfera social. Como se percebe e se atribui significado ao espaço é sempre uma construção social, marcada por contextos históricos e geográficos específicos.

Figura 1: Elementos da paisagem escolar



Fonte: Elaborado pelos autores

Analisar a paisagem escolar como um espaço de identidade pode envolver a articulação de fatores naturais, construídos, sociais ou simbólicos. Isso significa considerar tanto os elementos físicos, como a presença de árvores, jardins, hortas, salas de aula, quadra, etc. quanto os aspectos humanos e culturais, que se manifestam nas atividades do dia a dia e nos símbolos que estão presentes nesse contexto.



Ao retomarmos as duas questões propostas na introdução do trabalho observamos que a paisagem escolar se configura como um espaço de identidade porque não é somente infraestrutura física, mas também resultado de vivências, memórias e práticas sociais. A escola, enquanto paisagem, não se reduz ao prédio ou às salas: ela é constituída pelas relações construídas, símbolos, normas e rotinas que ali se desenvolvem. Para estudantes, professores e comunidade, a escola passa a ser um marco de pertencimento, onde se constroem referências identitárias ligadas ao bairro, à cultura local e às trajetórias de vida.

Com base nos autores discutidos, observamos que a territorialidade refere-se, ao controle, à apropriação e ao sentimento de pertencimento em relação a um determinado espaço. Na escola, isso aparece de formas claras, como na apropriação simbólica, onde os estudantes veem o espaço como “seu” (pátio, sala, cantina). Sentimentos de pertencimento: amizades, memórias, conquistas e dificuldades criam laços duradouros. Conflitos e limites: diferentes grupos ocupam áreas específicas (quem utiliza a quadra, quem prefere a biblioteca, quem se apropria de certos lugares no pátio). Além disso, os professores, a coordenação, direção, entre outros funcionários, também organizam a territorialidade, definindo usos e limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados, conclui-se que a compreensão das paisagens escolares favorecem um maior entendimento acerca dos espaços de construção identitária dos alunos, professores e demais integrantes da comunidade escolar. Espaços como corredores, pátios, quadras, salas de aula, sala dos professores, cantina, biblioteca, podem ser considerados espaços de relação de poder, ao reforçarem hierarquias.

Quando a escola é planejada ou repensada de maneira acolhedora e inclusiva, ela se torna um território que fortalece vínculos e promove sentimentos de pertencimento. Mas para que a comunidade (alunos, professores, funcionários, etc.) se sintam parte da instituição, é necessário que a escola ofereça um espaço que vá além da sala de aula, aplicando-se a construir boas convivências, trocas de experiências e formação de laços. Dessa forma, a escola deixa de ser somente um local de transmissão de conhecimento e passa a ser um território de vivências, aprendizados e construção coletiva de identidades.



REFERÊNCIAS

BALDIN, Rafael. Sobre o conceito de paisagem geográfica. **Paisagem e Ambiente**, v. 32, n. 47, p. e180223-e180223, 2021.

CALLAI, Helena Copetti. Na Geografia, a paisagem, o estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Ciência Geográfica, Bauru**, v. 26, p. 59-68, 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. Anais Do I Seminário Nacional: **Currículo Em Movimento** – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

CAVALCANTI, Lana De Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CORRÊA, Ivete Antunes. *et al.* Territorialidade e escola: participação da comunidade escolar na efetivação das políticas públicas educacionais. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 45, p. 319-333, 2021.

COSTA, Fábio Rodrigues; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: conceitos e paradigmas-apontamentos preliminares. **Revista Geomae**, Geografia, Meio Ambiente e Ensino. v. 1, n. 2, p. 25-56, Campo Mourão- PR, 2010.

FARIAS, Ricardo Chaves de; LEITE, Cristina Maria Costa. Unidade territorial de aprendizagem: o território simbólico de estudantes no espaço geográfico mobilizado pela escola. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 13, n. 23, p. 05-25, 2023.

FELICIO, Willian Franco. Concepções sobre o conceito de paisagem e sua inserção no ensino de geografia; elementos para uma investigação. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 11, n. 21, p. 05-27, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. São Carlos: EdUFSCar, 160 p. ISBN: 978-85-7600-368-7.

MARQUES, Roberto. Por uma perspectiva espacial da escola. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 3, n. 5, p. 05-20, 2013.

MARTINS, Fernanda Pereira; CURY, Raquel Balli. ENSINO DE GEOGRAFIA: percepção dos educando sobre a categoria de análise paisagem. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 05-22, 2022.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica** – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

PUNTEL, Geovane Aparecida. **A paisagem no ensino da geografia**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec. 1996.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. **Revista de Arquitetura e Urbanismo**, v. 1, n. 3, 1988.



SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **R. RA'E GA, Curitiba**, n. 7, p. 79-85, 2003.

SEBASTIÃO, Guilherme Guimarães. Como transformar prédios em montanhas: um estudo da paisagem urbana na fotografia de Nelson Kon a partir da teoria da paisagem de Anne Cauquelin. **ÂNDÉ: Ciências e Humanidades**, v. 5, n. 1, p. 73-87, 2021.

SERPA, Angelo. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea. **Formação (Online)**, v. 2, n. 14, 2007.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos Espaços Vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2021.

SILVA, Amanda Soares. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.]**, v. 8, n. 16, p. 130–141, 2019. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/535>. Acesso em: 11 abr. 2025.

SOUSA, Adriano Amaro de. Território e identidade: elementos para a identidade territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 30, p. 119-132, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**, 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.